Revista de Economia Política e História Econômica, número 33, ,Janeiro de 2015.

Antecedentes Desenvolvimentistas na Formação Intelectual de Raúl Prebisch[1]

Luiz Eduardo Simões de Souza[2]

RESUMO

O pensamento desenvolvimentista latino-americano, até a presente data, tem fixado suas raízes mais distantes na formação da primeira geração da CEPAL, entre 1940 e 1950. Dela participaram vários expoentes das ideias econômicas latino-americanas, dentre os quais o principal nome foi o economista argentino Raúl Prebisch (1905 – 1986). Por sua vez, as origens do pensamento desenvolvimentista podem ser identificadas em espaços reconhecidamente estabelecidos na história do pensamento econômico. Assim, o objetivo destas não é outro senão o de apresentar uma explanação sucinta das influências intelectuais locais que, por diversas razões, interferiram nas concepções desenvolvimentistas de Raúl Prebisch, postando-se a um passo – este de análise mais direta e profunda das especificidades de suas linhas de pensamento – de constituir antecedentes intelectuais do desenvolvimentismo latino-americano.

Palavras-chave: Desenvolvimentismo; CEPAL; América Latina; Pensamento Econômico; Argentina; Raúl Prebisch.

ABSTRACT

The ideology and social thought of development in Latin America, since now, has been established its roots on the first generation of local economists and social thinkers which formed the Economic Comission for Latin America (ECLAC), in between the years 1940 and 1950. The most important of them was the argentinean Raúl Prebisch (1901 – 1986). This paper aims to show some lines of argentinean economic thought which influenced Prebisch´s idea of development, with the intent to demonstrate that it can have its origins found more further in argentinean and latin-american history of thought.

Keywords: Development; ECLAC; Latin America; Economic Thought; Argentina; Raúl Prebisch.

1 Artigo apresentado em 16/02/2014 e aprovado em 12/04/2014.

2 Doutor em História Econômica (USP), Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, campus Governador Valadares. E-mail: luiz.simoes@ufjf.edu.br.

1. Introdução

As origens do pensamento desenvolvimentista podem ser identificadas em espaços reconhecidamente estabelecidos na história do pensamento econômico. Há a obra da Escola Histórica Alemã, da segunda metade do século XIX, e mesmo economistas como Alfred Marshall e Vilfredo Pareto gastaram mais do que um apêndice de seus *Princípios de Economia* tratando da questão do desenvolvimento. Há a primazia de J. A. Schumpeter, em sua *Teoria do Desenvolvimento Econômico* (1916), no estabelecimento do problema e na definição de seus limites de análise e agenda de estudos.

A ideologia que constituiu a demanda pelo estudo desse problema e estabelecimento de tal agenda de estudos tem sua origem em aspectos mais remotos. Ao colocar-se o tema do desenvolvimento em pauta, especialmente em relação às suas origens mais remotas na chamada periferia (dentro da própria terminologia cepalina de centro-periferia), adquire relevância o levantamento das influências sofridas pelo quadro de pensadores latino-americanos que participou da constituição política e ideológica da CEPAL na primeira metade dos anos 1940. Segundo Eduardo Devés Valdés (2000), à época da formação da CEPAL, a América Latina vivia a intensificação de um movimento ideológico caracterizado por uma dualidade entre a afirmação da identidade latino-americana, e o desejo de inserção na modernidade, materializada no paradigma das sociedades industriais constituídas na Europa e nos Estados Unidos da América. A CEPAL, segundo Valdés (2000, p. 16), teria surgido nos anos 1940 e 1950 como uma expressão modernizadora,

com seu projeto de industrialização da América Latina como forma de superação dos problemas resultantes da relação periférica adotada desde tempos coloniais com os centros metropolitanos. A progressão da CEPAL nos anos seguintes acompanharia o pêndulo da dualidade apresentada por Valdés, em que a ideologia desenvolvimentista-industrialista seria progressivamente questionada, em favorecimento de uma nova onda pró-identidade latino-americana.

Antes de 1850, a geração dos civilizadores, capitaneada por Domingo Sarmiento, marca a primeira afirmação do projeto modernizador, do qual participaram à época Francisco de Paula González Vigil, Justo Arosemena e Juán Alberdi. Em 1860, quando dos ataques europeus à América Latina, deflagrou-se uma onda identitária, marcada pelas obras de Francisco Bilbao, no Chile, e o *Martin Fierro*, de José Hernández, na Argentina. Nos anos 1880, a reação do ideário modernizador ganhou corpo a partir das extensões do Positivismo no México, na Argentina e no Brasil, no qual foi a doutrina hegemônica dos abolicionistas e republicanos. No início do século XX, a reivindicação culturalista nacionalista cristalizada no *Ariel*, de José Rodó, marca uma onda identitária em que o indigenismo e mesmo o afroamericanismo seriam culturalmente valorizados. A crise de 1929, a ênfase na proteção das economias nacionais e a valorização dos nacionalismos estenderia essa última onda identitária até o final da década de 1930. Com o final da Segunda Guerra Mundial (1945), e a extensão dos interesses estadunidenses sobre a América Latina, através das Comissões Mistas, teria início, com a Comissão Econômica Para a América Latina (CEPAL), uma nova onda de pensamento modernizador para a região. Aos ícones já estabelecidos

dentro da ideologia desenvolvimentista – o pensamento macroeconômico keynesiano, as concepções de crédito e empreendedorismo schumpeterianas, a planificação econômica decalcada da experiência soviética, e as noções de Estado do bem-estar social de Gunnar Myrdal e dos países nórdicos – comporia soma uma primeira leva de expoentes intelectuais latino-americanos.

Dentre tais expoentes, amplamente divulgados na historiografia do pensamento desenvolvimentista latino-americano, escolheu-se mais ou menos arbitrariamente Raúl Prebisch para o estudo proposto nestas notas. Assim, o objetivo destas não é outro senão o de apresentar uma explanação sucinta das influências intelectuais locais que, por diversas razões, interferiram nas concepções desenvolvimentistas de Raúl Prebisch, postando-se a um passo – este de análise mais direta e profunda das especificidades de suas linhas de pensamento – de constituir antecedentes intelectuais do desenvolvimentismo latino-americano.

Raúl Prebisch enfrentava uma situação bastante particular, em comparação aos demais membros fundadores, à época da constituição da CEPAL. Por um lado, ao já se tratar de economista intelectualmente estabelecido, tanto prático (foi presidente do BCRA nos anos 1930), quanto acadêmico (passou a lecionar na UBA desde sua saída do BCRA em meados dos anos 1930), além de gozar de certo prestígio externo. Prebisch, assim, exercia reconhecida ascendência sobre os demais membros da CEPAL, a qual lhe rendeu a liderança política e ideológica da mesma por décadas[3].

[3] Veja-se para tanto o capítulo "O Grande Heresiarca", da obra de Celso Furtado, *A Fantasia Organizada.*

Por outro lado, o fato de já estar política e ideologicamente consolidado à época também lhe conferia o ônus de não ter trânsito pelo governo argentino, já que o peronismo o considerava um inimigo político. Ter participado efetivamente dos governos argentinos entre 1930 e 1940 o colocava entre os adversários do governo, dada a lógica política do peronismo. De pouco adiantaria a postura "tecnicista" de Prebisch, que, ao contrário do instinto feudal bastante disseminado no funcionalismo público latino-americano, preferia remontar à sua postura na época como algo mais próximo de um burocrata do tipo weberiano, avaliando seu desempenho a partir dos resultados no âmbito institucional – criação e consolidação do BCRA, consolidação de um departamento de estatística do governo, etc – e não da constituição de uma rede social de intelectuais latino-americanos preocupados com uma série de temas comuns que norteariam a constituição da primeira fase ideológica da CEPAL.

Paradoxalmente, seria justamente a obtenção dessa segunda meta – a capacidade de aglutinar, com algum reconhecimento externo e respaldo da comunidade internacional, a intelectualidade latino-americana, para se pensar a questão do desenvolvimento da região – o grande resultado de longo prazo do trabalho de Raúl Prebisch durante sua vida e a razão do estudo de suas influências apontarem para alguns antecedentes intelectuais do desenvolvimentismo na América Latina.

2. Raúl Prebisch e a CEPAL: duas formações

A princípio, tomadas as teses fundamentais da CEPAL, e os pontos nos quais ela acaba se baseando, a despeito da

intenção dos EUA à época com as Comissões Mistas, encontram-se as mesmas características que remontam a projetos nacionalistas como os de Sarmiento e José Bonifácio, ou Rosas e Benjamin Constant, ou mesmo San Martín, e Bolívar, em última instância.

Tomando-se o pressuposto de que a independência dos países latino-americanos ainda constitui, mesmo hoje, objeto de controvérsia, não é fora de propósito assumir-se a independência e autonomia latino-americana como prioridade da pauta de qualquer projeto ou iniciativa que conte com alguma participação ativa de seus quadros políticos e intelectuais. Então, há o risco de indissociação das características do pensamento desenvolvimentista da CEPAL das demais iniciativas empreendidas na região. O critério de Valdes (2000), portanto, permite a observação do que é característico da CEPAL, dentro do subconjunto analítico de projetos "modernizadores", em seus primórdios, e sua transição, ao longo de sua primeira fase (1949 – 1970), para o rol dos projetos de afirmação de "identidade".

O levantamento das referências da formação intelectual de Raúl Prebisch constitui, assim, exercício especulativo do grau de aderência da tese de Valdes a respeito da CEPAL, ao desagregar-se o conjunto de observações e suas referências.

Em sua biografia de Prebisch, Carlos Iñiguez (2003), situa o economista argentino ao lado de pensadores como Juán Batista Alberdi e Nicolás Avallaneda, como demonstrativos do caráter bipolar de sua formação, marcado por um lado pelo interesse pela modernidade, o qual aparecia imiscuído no ideário industrialista – característico de Avallaneda – e no projeto urbanizador que marcou não apenas o pensamento

de Prebisch, mas as diretrizes de planejamento da CEPAL entre os anos 1950 e 1960. O outro pólo de sua formação seria o sentimento de identidade nacional presente, por sua vez, no pensamento de Alberdí.

Marcaria, assim, o pensamento Prebischiano, a princípio, um forte instinto modernizador-industrializante-integracionista, com um profundo sentimento nacionalista e de identidade latino-americana. É interessante notar a identidade quase que direta entre as posturas de Prebisch e da própria CEPAL, nesse sentido. Não é demais lembrar que outras personalidades marcantes passaram pela CEPAL em seus primeiros cinqüenta anos, pelo menos. Mas não é fora de propósito dizer que, se a CEPAL saiu-se às feições de algum economista latino-americano, ela saiu à cara de Prebisch.

Mas Prebisch não foi produto apenas do ambiente intelectual argentino ou latino-americano. Economista, homem do mundo e de seu tempo, Prebisch sofreu influências, em parte, das condições do desenvolvimento das idéias econômicas de sua época, e de sua formação de economista na Universidade de Buenos Aires, entre 1918 e 1923. Portanto, em primeiro lugar, há um inegável tributo a Keynes e Schumpeter, perceptível à primeira vista e amplamente reconhecido (GURRIERI, 1987). Mas há também economistas argentinos que exerceram grande influência sobre a maneira de Prebisch compreender sobretudo a política econômica em seu papel e direcionamento, sobretudo em uma de suas preocupações primordiais, qual seja a eliminação da dependência da Argentina (e do restante da América Latina) em relação ao exterior.

De tais economistas, destacam-se as figuras de Alejandro Bunge e Juan B. Justo. O primeiro, de tradição

originalmente marginalista, apresentava-se com profundos traços de nacionalismo à List, propondo a seus alunos o pensamento de um projeto de "economia nacional argentina", realizando análises estruturais e setoriais da economia argentina em moldes bastante similares aos relatórios da CEPAL, escritos com uma posterioridade de trinta ou quarenta anos.

O caráter nacional-desenvolvimentista de Alejandro Bunge apareceria em várias obras. Em uma obra de 1928, *La Economia Argentina*, Bunge realizava uma defesa da indústria manufatureira da Argentina, afirmando que a geração presente, de criadores de gado e latifundiários, seria a última, antes de "*uma nova geração de industriais e pequenos produtores* (BUNGE, 1928, p. 33)".

O estudo das características da população através da Demografia Econômica era uma grande novidade metodológica à época e Bunge se servia dela amplamente em suas obras. É nesse nicho em que encontra espaço para a defesa do ensino técnico, e para um tema que seria muito caro a Prebisch nos primeiros anos da CEPAL, o atraso tecnológico que os países de economia baseada na agroexportação experimentavam em relação aos países industrializados.

O papel do Estado como motor do desenvolvimento dos países em processo de modernização, promovendo a industrialização e urbanização aparece no pensamento de Alejandro Bunge em obras como *El Estado Industrial y Comerciante* (1933), em que, junto a textos compilados de autoria de Herbert Hoover e Benito Mussolini, Bunge defende a ação direta do Estado no empreendimento desse processo, através do qual a Argentina obteria sua "independência

econômica e financeira". Isso não quer dizer que Bunge restringisse suas possibilidades de desenvolvimento à Argentina, somente. Em "*Uma Nueva Argentina*", de 1940, Bunge defende a criação de uma "União Aduaneira do Sul", nos moldes do que, duas décadas depois, Prebisch viria a propor como a ALALC - Área Latino-Americana de Livre Comércio.

Mesmo o caráter difusor de ideias e favorecedor do debate múltiplo que a Prebisch, e mesmo a CEPAL adotaram em sua postura inicial, parece ter sido apreendido com a convivência com Bunge: este foi um dos primeiros editores de periódicos acadêmicos econômicos na Argentina, tendo fundado em 1918 a *Revista de Economia Argentina*, que teve a participação discente de Prebisch.

Juan B. Justo daria a Prebisch o tom social dos resultados do emprego de sua metodologia. Marxista, Justo foi o fundador do "socialismo científico argentino", em que analisava o desenvolvimento estrutural da Argentina sob o parâmetro da teoria de Marx e Engels.

Não apenas nas concordâncias com Justo, mas também em suas diferenças – afinal Prebisch não era marxista – nota-se o profundo impacto que o pensamento de Justo teve sobre o jovem Prebisch, sobretudo na postura livre-cambista adotada por Justo, segundo ele, mais adequada ao desenvolvimento das condições capitalistas que levariam às contradições causadoras da transformação revolucionária. A este pensamento, Prebisch parece ter constituído o conceito de relação "centro e periferia", o qual, derivado de seu nacionalismo apreendido com Bunge, certamente o colocava mais próximo em pensamento à sua classe social. É importante lembrar que Prebisch, apesar de sua heterodoxia,

não se apresentava como um "inimigo" ou "traidor" de sua classe de origem. A isso, Celso Furtado aventa em suas memórias da CEPAL (*A Fantasia Organizada*), que "*Prebisch parecia por demais ligado a seus amigos da Argentina*".

É necessário apontar nesses primeiros anos de formação de Raúl Prebisch na Argentina, o advento de outras influências, entre elas **as** de Eduardo Gonella, Manuel Ugarte e o grupo que se organizaria em torno do BCRA, dando forte caráter pragmático ao pensamento prebischiano, através da rotina real de formulação, elaboração e prática da análise e política econômicas. Aprender a distinguir ambas e reconhecer seus limites certamente conferiu a Prebisch o poder de convencimento e às políticas da CEPAL a solidez que apenas uma grande reviravolta política poderia derrubar, como aconteceu com o ciclo ditatorial na América Latina nos anos 1960 – 1970.

De toda forma, uma marca importante, que daria o limite do progressismo social de Prebisch, seria sua relação com o peronismo. Indisposto desde o princípio com Perón e o peronismo, Prebisch sofreu não apenas boicote político, mas terminou por sofrer boicote na própria UBA, onde lecionava nos anos 1930, juntamente com as tarefas do BCRA. Não deixa de ser curioso que o populismo, e mesmo sua vertente argentina, o peronismo, adotaram várias das teses cepalinas para empreender o desenvolvimento em seus países. Mas Prebisch colocava-se, na CEPAL, a prudente distância político-institucional de Perón e o peronismo.

Nesse sentido, é possível especular-se que a escolha de Prebisch para presidir a Comissão Econômica Para a América Latina, avalizada pelos EUA em meados dos anos 1940, tenha se dado em função da oposição de Prébisch a Perón, e em

total ignorância do caráter identitário e de afirmação da América Latina que residia na formação e postura intelectual do economista argentino.

4. Algumas Considerações

As influências formativas de Raúl Prebisch podem, assim, ser caracterizadas. Em primeiro lugar, há um forte elemento nacionalista, oriundo do espírito de idéias de sua época, marcado pela valorização da identidade nacional, a qual não necessariamente se refletia em uma identidade latino-americana, podendo espraiar-se por um desejo de modernização que a conduziria ao projeto de voltar-se para o mundo. No caso, um não nega o outro.

Em segundo lugar, há o forte caráter tecnicista de sua época também. Os estudos econômicos de caráter empírico-quantitativo ganham corpo na ciência econômica, que passa a produzir dados mais consistentes e ferramentas de análise mais ricas em relação às estatísticas populacionais, de comércio exterior e de fluxos e estoques de rendas. Com o crescimento do papel do Estado, o estudo das contas do Governo passa a ser também importante, não apenas no sentido do mapeamento da realidade presente, mas da projeção e planejamento para o futuro. Trata-se de outro caráter importante e marcante na formação de Raúl Prebisch.

Há também a influência do pensamento econômico externo, não apenas nos métodos de análise econômica, mas também nos enfoques, com as contribuições de Pareto para o bem-estar, Schumpeter para a teoria do desenvolvimento, e Keynes para a economia, como um todo. Prebisch não foi imune ao efeito de tais ideias, incorporando-as e dialogando com elas ao longo de sua vida acadêmica. Não se pode

descartar também as influências de Weber e Marx na teoria social, sobretudo na formulação de conceitos importantes e caros à CEPAL dos primeiros anos como o de "dinâmica centro-periferia".

Internamente, em sua formação de economista e pensador social, os principais credores intelectuais de Prebisch parecem ser Alejandro Bunge e Juan B. Justo. Ambos, pelo conjunto de problemas e objetos que seriam incorporados e analisados pelo pensamento prebischiano, bem como pela prática de construção coletiva do conhecimento, através da discussão e debate. Bunge em particular, pela incorporação do ideário nacionalista e protecionista que Prebisch transformaria em um elemento de afirmação da identidade latino-americana, ao negar o caráter primário-exportador dos países periféricos como "vocação" ou "estratégia", atribuindo-lhe a pecha do atraso tecnológico e subdesenvolvimento da região. Justo, em particular, pela incorporação da questão da necessidade de quebra de relações seculares de dominação territorial.

É evidente que tais influências têm os seus limites, dados pela própria natureza do indivíduo, a classe social a que este pertence e o poder determinístico que esta possui sobre ele, e mesmo as limitações políticas de sua ação à época. Mas a identificação das origens do desenvolvimentismo latino-americano, no campo das influências de seus grandes demiurgos – dos quais Raúl Prebisch foi, se o maior, não o único, ou mesmo o mais influente no longo prazo – constitui exercício necessário na iniciativa de repensar-se o desenvolvimento como forma ideológica, e mesmo como projeto político-territorial. O conhecimento a fundo de tais

raízes fortalece não apenas a apreensão de novas ideias, mas a prevenção contra novas formas de colonização intelectual.

Referências Bibliográficas

VALDÉS, Eduardo Devés. *El pensamento latino-americano em el siglo XX. Entre la modernización y la identidad.* Santiago: Editorial Biblos, 2 tomos, 2000.

IÑIGUEZ, Carlos. *Herejías Periféricas. Raúl Prebisch. Vigencia de su pensamiento.* Buenos Aires: Nuevohacer, 2003.

GURRIERI, A. "Introducción" em PREBISCH, R. *La obra completa de Prebisch en La CEPAL.* Buenos Aires: Fondo de Cultura Económico, 2 vols, 1989.

BIELSCHOWKY, Ricardo. *Cinquenta anos de pensamento na CEPAL.* São Paulo: Record, 2 volumes, 2000.

FURTADO, Celso. *A Fantasia Organizada.* São Paulo: Paz e Terra, 1989.

BUNGE, A. *La Economía Argentina.* Buenos Aires: Agencia General de Librerias y Publicaciones, 3 volumes, 1928.

BUNGE, A. Uma Nueva Argentina. Buenos Aires: Guillermo Kant, 1940.

VV.AA. *El Estado Industrial y Comerciante.* Buenos Aires: Prensa Oficial, 1933.